

A tragédia do palhaço

- Um arranjo de Roberto Lis -

Ele - (aflito) E então, Catharina?

Ela - (triste) Tudo no mesmo, infelizmente!

Ele - E se chamássemos outro médico? Quem sabe...

Ela - O Dr. Darío tem sido incansável. Tem feito tudo. Estou certa de que mudar de médico agora nada adiantaria a doente e o Dr. ficaria magoado, com toda a razão.

Ele - Mas Catharina tu deves compreender que se trata da vida de minha filha.

Ela - E depois ele já tem trazido outros aqui para ver a menina. Ontem veio o terceiro, você sabe disto.

Ele - Para dar a sua opinião contrária à transfusão de sangue. E no entanto eu tenho a impressão de que isto talvez pudesse salvá-la.

Ela - Os médicos entendem mais destas coisas do que nós, meu amigo. E depois não foi ele só que deu parecer contrário à transfusão. Os que vieram antes foram da mesma opinião.

Ele - Que coisa horrível, minha amiga! Que coisa horrível!... Será mesmo possível que eu vá perder a minha filha? Ela é tudo que me resta no mundo!... (pausa) O que é que você acha, Catharina? Ela se salvará? (Pausa) Vamos, responda, minha amiga. Você acha que ainda devo ter esperança?

Ela - Meu amigo: enquanto há vida... há esperança.

Ele - Coitadinha! Ela tem sofrido tanto, tanto, que eu já nem tenho mais ânimo para entrar no seu camarim.

Ela - Ela ontem à tarde perguntou por você.

Ele - Sim? E o que lhe respondeste?

Ela - Menti-lhe que havia matiné e que você estava trabalhando. (Pausa. Outro tom) Mas olhe, faltam apenas dez minutos para começar a função e você ainda nem se pintou. Vamos, apure-se.

Ele - E você volte para junto dela, Catharina. Não a deixe sózinha, peço-lhe.

Ela - Ela não está só. O Dr. ficou com ela. E eu voltarei em seguida. Esteja descansado. (outro tom) O que é que você está procurando?

Ele - A minha caixa de tintas.

Ela - Está aqui. E apure. Apure porque faltam apenas cinco minutos para começar a função.

Ele - Ah, minha amiga! Se a minha filha se salvasse eu voltaria a acreditar em Deus! Mas qual... Eu já não tenho esperança!

Ela - Para Deus nada é impossível, meu amigo. Você deve confiar nele. Ele faz tudo pelo melhor.

Ele - E si ela morrer?

Ela - Nem sempre a morte é o que ha de peór. Si ele achar de leval-a para junto dele é porque sabe lá que destino lhe estaria reservado aqui na terra.

Ele - Mas eu não poderei viver sem ~~sax~~ ela! Eu não poderei viver sem a minha filha! Ela é tudo para mim, compreende?! Tudo! Oh, não! Eu nem quero pensar! Isto seria horrível! Horrível!...

Ela - Tenha coragem, meu amigo! Coragem e fé em Deus. Fé, muita fé. (Pausa.Outro tom) Você sabe rezar?

Ele - Quando eu era menino minha mãe me ensinou a rezar o Padre Nosso e eu me utilisava dele para tudo: para tirar boas notas no colegio, para não ser castigado nas travessuras que fazia, para ganhar algum presente que muito desejasse... enfim, utilisava-o para todas as ocasiões e na minha fé inconsciente de garoto travesso, ficava absolutamente tranquilo depois de havel-o rezado. Um dia a vida arrancou dos meus braços um grande amor e eu, já entao na minha fé consciente de homem, rezei para que ela voltasse. Rezei muito, muito, mas ela não voltou. Desde entao eu me tornei um descrente e nunca mais rezei! É possível, até, que já tenha esquecido o Padre Nosso.

Dr. - (chamando de longe, aflito) Dona Catharina! Dona Catharina! Uma ampoula de óleo canforado, depressa!...

Ele - (angustiosamente) O que foi, meu Deus?!... O que foi?!...

Ela - (aflita, falando muito depressa) Não ha de ser nada. Tenha fé. Eu vou buscar a injeção num momento. (sai correndo).

Ele - (após uma pausa de angustia) Pai nòsso que estás no céo! Santificado seja o teu nome. Venha a nós o v~~osso~~ reino. Seja feita a tua vontade assim na terra como no céo... E entao, Dr?...

Dr. - (após uma pausa) Tenha coragem, meu amigo. A coitadinha descansou.

Ele - Não Dr! Não!... Não é possível!... Deus não faria isto para mim!... (chóra)

Dr. - Deus sabe o que faz, meu amigo! E não nos devemos revoltar contra os seus designios. Creia que ela está melhor lá perto dele.

(ouve-se a sineta para começar a função e irrompe a gritaria: "está na hora" " está na hora"!... - Fundo de vozes.-

Ele - Vai começar a função!

Dr. - Mas você não poderá trabalhar hoje. Quer que eu comunique ao Diretor?

Ele - Não, doutor. Obrigado. Eu trabalharei mesmo assim.

// Dr. - Bem, eu voltarei mais tarde para passar o atestado. Até logo.

Ele - Obrigado doutor. (Novamente a gritaria: " O palhaço!" "Palhaço!..." - fundo de vozes-.)

Desgraçado palhaço!... é triste a tua sina!
Dar gargalhadas tendo a filha morta!...
O publico quer rir e a dôr que te domina,
afinal - convenhamos - que lhe importa?

A multidão te chama e se abre em risos
às tuas graças. Vai, palhaço. Vai!
Ela não sabe que debaixo destes guizos
Tambem existe um coração de pai!

Como é triste o destino dos palhaços:
ver fugir uma filha dos seus braços
e fazer graças para o mundo rir!...

Vai!... Afoga a tua dor na gargalhada
e quando a função, por fim, estiver terminada,
podes deixar, então, o teu pranto cair! (soluça)

(Ouve-se novamente as vózes : "Palhaço!..." Palhaço!..."
- fundo de vozes - Ouve-se, ao longe, uma marcha caracte
rística de apresentação dos artistas e o palhaço começa a
gargalhar doidamente, afastando-se aos poucos até a sua
gargalhada se perder na distancia.)